

RESOLUÇÃO DE CONFLITOS E ASSEMBLÉIAS ESCOLARES

Ulisses F. Araújo

Resumo

Este artigo busca apontar como as Assembléias Escolares, entendidas como espaços de diálogo, podem constituir-se em importante estratégia para o trabalho com resolução de conflitos dentro da escola, além de contribuírem para a construção de valores de democracia e de cidadania por parte dos membros que dela participam. Buscando apresentar três diferentes tipos de assembléias e como podem ser implementados no dia a dia das instituições escolares, cada uma com seus objetivos específicos mas que se complementam. Por fim, trazemos resultados de pesquisas que indicam como o trabalho com as assembléias, ao promover o desenvolvimento das capacidades dialógicas e os valores de não-violência, respeito, justiça, democracia e solidariedade, auxiliam na transformação das relações interpessoais no âmbito escolar e na formação ética e psíquica dos estudantes.

Palavras-chave: democracia escolar; assembléias escolares; resolução de conflitos.

CONFLICT RESOLUTION AND SCHOOL ASSEMBLIES.

Abstract

This paper shows how school assemblies, which are understood as dialogic spaces, can constitute an important strategy to work on conflict resolution in schools. Besides, they can help students, teachers and other members of the staff construct values in democracy and citizenship. I have presented three different types of assemblies, with specific objectives that complement each other, and how they can be implemented in schools. Finally, I have reported some research results which show how work on school assemblies can promote the development of dialogic capacities and values of non-violence, respect, justice, democracy, and solidarity, thus triggering changes in interpersonal relations in schools and in the students' ethical and psychic education.

Key words: school democracy; school assembly; conflict resolution.

O conflito é parte natural de nossas vidas e apenas isto já seria suficiente para considerá-lo como importante tema de estudo. De fato, todas as teorias interacionistas em filosofia, psicologia e educação estão alicerçadas no pressuposto de que nos constituímos e somos constituídos a partir da relação direta ou mediada com o outro, seja ela de natureza

subjetiva ou objetiva. Nessa relação, nos deparamos com as diferenças e semelhanças que nos obrigam a comparar, descobrir, ressignificar, compreender, agir, buscar alternativas e refletir sobre nós mesmos e sobre os demais. O conflito torna-se, portanto, a matéria prima para nossa constituição psíquica, cognitiva, afetiva, ideológica e social.

Os educadores conscientes de tal fato, em vez de condená-los e reprimi-los, deveriam mudar a perspectiva de seus olhares e práticas e buscar compreendê-los como um conteúdo essencial para a formação psicológica e social dos seres humanos, e encarar o desafio de introduzir o trabalho sistematizado com conflitos do dia a dia das salas de aula. Em vez de assumirem posturas de eterna conciliação e anulação das diferenças de valores, interesses, preferências e gostos de seus alunos e alunas, que geralmente têm como substrato a tentativa de homogeneização dos seres humanos, poderiam incorporar os conflitos cotidianos como o material de onde se produziriam textos, se desenvolveriam projetos de pesquisa e se construiriam os momentos de diálogo na escola.

O que justifica tal preocupação? Como nos lembram Genoveva Sastre e Montserrat Moreno no livro "Resolução de conflitos e aprendizagem emocional":

Não fomos preparados para compartilhar nem para resolver com agilidade e de forma não-violenta os problemas que iam surgindo em nossas relações pessoais. Não desenvolvemos a sensibilidade necessária para saber interpretar a linguagem de nossos sentimentos. Nossa razão não foi exercitada na resolução de conflitos e tampouco dispúnhamos de um repertório de atitudes e comportamentos práticos que nos permitissem sair dignamente de uma situação. Em síntese, nossa formação nos mais coisas do mundo exterior que de nossa própria intimidade, conhecemos mais os objetos que as pessoas do nosso convívio (2002, p.19)

A escola que conhecemos tem seu grau de responsabilidade nesse processo de formação que ignora a importância das relações interpessoais e dos conflitos para a formação integral dos seres humanos. Um currículo baseado apenas no mundo externo e limitações espaço-temporais, que justificam as dificuldades que se impõem ao trabalho com as relações humanas, faz com que os sistemas educacionais não cumpram com um importante papel que lhes é atribuído pela sociedade: a formação de cidadãos e cidadãs autônomos(as) que sociais.

A educação baseada em propostas de *resolução de conflitos* está cada vez mais difundida em todo o mundo, dentro de perspectivas que buscam melhorar o convívio social e criar bases para a construção de sociedades e culturas mais democráticas e sensíveis à ética nas relações humanas. No entanto, a maioria das experiências atuais baseiam-se em modelos tradicionais que utilizam arbitragens, mediações, negociações e terapias (SCHNITMAN, 2000). Em geral, atuam sobre objetivos específicos e práticos e pautam-se em pressupostos dicotômicos de ganhar e perder nas resoluções.

Mas, como nos mostra essa autora, surgem novos paradigmas em resolução de conflitos que, baseando-se na comunicação e em práticas discursivas e simbólicas, promovem diálogos transformativos. Tais propostas não adotam o pressuposto de que em um conflito há sempre ganhadores e perdedores e sim que é possível a construção do interesse comum, em que todos os envolvidos ganhem conjuntamente, com uma co-participação responsável. Elas permitem aumentar a compreensão, o respeito, e construir ações coordenadas que considerem as diferenças, incrementam o diálogo e a participação coletiva em decisões e acordos participativos. Por fim, acreditam na importância do protagonismo das pessoas ao enfrentar os conflitos em suas vidas e entendem que tal processo deve focar não apenas as emoções, intenções e crenças dos participantes, mas também os domínios simbólicos, narrativos e dialógicos como o meio pelo qual se constroem e se transformam significados e práticas, permitindo o aparecimento de identidades, mundos sociais e novas formas de relações.

Programas educativos que assumam a perspectiva de trabalhar os conflitos e os problemas humanos como um elemento essencial de sua organização curricular podem, de acordo com Sastre e Moreno:

Formar os(as) alunos(as), desenvolver sua personalidade, fazê-los(as) conscientes de suas ações e das consequências que acarretam, conseguir que aprendam a conhecer melhor a si mesmos(as) e às demais pessoas, fomentar a cooperação, a autoconfiança e a confiança em suas companheiras e seus companheiros, com base no conhecimento da forma de agir de cada pessoa, e a beneficiar-se das consequências que estes conhecimentos lhes proporcionam. A realização destes objetivos leva a formas de convivência mais satisfatórias e a melhoria da qualidade de vida das pessoas, qualidade de vida que não se baseia no consumo, e sim em gerir adequadamente os recursos mentais... intelectuais e emocionais – para alcançar uma convivência humana muito mais satisfatória. (2002, p.58).

O trabalho com assembléias escolares complementa a perspectiva que acabamos de discutir de novos paradigmas em resolução de conflitos, pois permite, em sua prática, partindo do conhecimento psicológico de si mesmo e das outras pessoas sobre o que é preciso para resolver os conflitos, que se chegue ao conhecimento dos valores e princípios éticos que devem fundamentar o coletivo da classe. Ao mesmo tempo, evidente, permite a construção psicológica, social, cultural e moral do próprio sujeito, em um movimento dialético em que o coletivo transforma e constitui cada um de nós, que, por nossa vez, transformamos e ajudamos na constituição dos espaços e relações coletivas.

As assembléias escolares

Início este tópico apresentando alguns pressupostos essenciais sobre os quais podemos assentar as bases das assembléias escolares, bem como sua relevância para a construção de importantes aspectos da vida coletiva e pessoal de cada um e de todos os seres humanos: a democracia escolar e social; o protagonismo e a participação social; os valores morais e éticos; o entendimento sobre como estratégias de resolução de conflitos podem contribuir para a formação ética e psíquica das pessoas, e para a transformação das relações interpessoais no âmbito escolar.

Mas o que são assembléias escolares? As assembléias são o momento institucional da palavra e do diálogo. O momento em que o coletivo se reúne para refletir, tomar consciência de si mesmo e transformar tudo aquilo que os seus membros consideram oportuno. É um momento organizado para que alunos e alunas, professores e professoras possam falar das questões que lhes pareçam pertinentes para melhorar o trabalho e a convivência escolar (PUIG, 2000).

Além de ser um espaço para a elaboração e reelaboração constante das regras que regulam a convivência escolar, as assembléias propiciam momentos para o diálogo, a negociação e o encaminhamento de soluções dos conflitos cotidianos. Dessa maneira, contribuem para a construção de capacidades psicomorais essenciais ao processo de construção de valores e atitudes éticas.

Em uma outra perspectiva, com esse tipo de trabalho, professores também têm a oportunidade de conhecer melhor seus alunos e suas alunas em facetas que não são possíveis no dia a dia da sala de aula. Temas como disciplina e indisciplina deixam de ser de responsabilidade somente da autoridade docente e passam a ser

compartilhados por todo o grupo-classe, responsável pela elaboração das regras e pela cobrança de seu respeito. Enfim, o espaço das assembleias propicia uma mudança radical na forma como as relações interpessoais são estabelecidas dentro da escola e, se devidamente coordenado com relações de respeito mútuo, permite verdadeiramente a construção de um ambiente escolar dialógico e democrático.

Tais objetivos são possíveis de ser atingidos quando as assembleias são institucionalizadas nos centros educativos, com periodicidades e espaços determinados para esse fim, permitindo que se dedique uma pequena parte do tempo para que as pessoas passem na escola para encontros em que possam dialogar sobre os conflitos e aspectos positivos relacionados ao seu convívio.

Diferentemente de outros modelos de resolução de conflitos, as assembleias não buscam mediá-los no pressuposto de que existe o certo e o errado e que deve haver uma pessoa munida de autoridade institucional com responsabilidade para julgar e decidir sobre problemas, estabelecer recompensas e sanções ou mesmo de obrigar as partes envolvidas a chegarem a um consenso. Essa concepção abre espaço, muitas vezes, para posturas arbitrárias, injustas e autoritárias, que promovem decisões a partir dos valores e crenças de uma pessoa com autoridade legitimada pela sociedade.

O modelo das assembleias é o da democracia participativa que tenta trazer para o espaço coletivo a reflexão sobre os fatos cotidianos, incentivando o protagonismo das pessoas e a co-participação do grupo na busca de encaminhamentos para os temas abordados, respeitando e naturalizando as diferenças inerentes aos valores, crenças e desejos de todos os membros que dela participam. Com isso, nem sempre o objetivo é de se obter consenso e acordo, e sim, o de explicitar as diferenças, defender posturas e idéias muitas vezes opostas e mesmo assim levar as pessoas a conviver num mesmo espaço coletivo.

Dentre outras coisas, o que se tenta com essa forma de se trabalhar os conflitos é reconhecer e articular os princípios de igualdade e de equidade nas relações interpessoais presentes nos espaços de convivência humana, o que nos remete à construção da democracia e da justiça. Como isso se opera? Em um espaço de assembleia, ao se dialogar sobre um conflito é garantido a todos os membros que dela participam a igualdade de direitos de expressar seus pensamentos, desejos e formas de ação, ao mesmo tempo que é garantido a cada um de seus membros o direito à diferença de pensamentos, desejos e formas de ação.

Pelo diálogo, mediado pelo grupo, na assembléia, as alternativas de solução ou de enfrentamento de um problema são compartilhadas e as diferenças vão sendo explicitadas e trabalhadas pelo grupo regularmente, durante um longo processo de tempo.

Tudo isso contribui para que na constituição psíquica dos valores que as pessoas constroem ao participar de espaços coletivos de diálogo, se privilegiem formas abertas de compreender o mundo e a complexidade dos fenômenos humanos, e não fechadas em certezas e verdades que assumem caminhos únicos e dogmáticos. Entendemos que pessoas com tais habilidades cognitivas, afetivas e sociais terão maior possibilidade de agir eticamente no mundo, ao perceberem com naturalidade as diferenças em nossas formas de agir e de pensar.

A escola e a sala de aula são espaços privilegiados para que um trabalho de formação como esse se opere. Afinal, constituem-se em espaço público, hoje obrigatório, onde as pessoas têm de conviver durante boa parte de seu dia com valores, crenças, desejos, histórias e culturas diferentes. Ao invés de tentar homogeneizá-las e eliminar as diferenças e os conflitos, podemos usar a instituição escolar para promover o desenvolvimento das capacidades dialógicas e os valores de não-violência, respeito, justiça, democracia, solidariedade e muitos outros. Mais importante ainda, não de forma teórica e sim na prática cotidiana a partir dos conflitos diários.

Como implementar e desenvolver as assembléias escolares

Introduzir o trabalho com assembléias em uma escola é um processo complexo que pressupõe desejos políticos e pessoais de considerável envergadura, devido às mudanças que provoca em todos os âmbitos do cotidiano escolar, principalmente, no que se refere às múltiplas instâncias de relações de poder, instituídas nos centros educativos. Por isso, as pessoas envolvidas com esse processo devem estar conscientes de seus possíveis significados e conseqüências, atentas aos movimentos que se produzem no âmbito das relações interpessoais, e firmes em seus princípios e metas.

Neste sentido, uma boa base de conhecimentos teóricos sobre os pressupostos das assembléias escolares, resolução de conflitos e o conhecimento de aspectos metodológicos que auxiliem na construção de práticas justas e democráticas podem contribuir para que as pessoas que compõem o coletivo escolar se envolvam com essa experiência.

Isso é importante porque não existe uma única maneira de se operacionalizar as assembléias escolares. Pelo contrário, nos últimos cem anos muitas experiências já foram desenvolvidas em todo o mundo, o que faz com que essa proposta não seja uma novidade que tem a expectativa de revolucionar os caminhos educativos.

O que temos evidenciado é que o trabalho com assembléias se insere na perspectiva de vida daqueles homens e mulheres que lutam para a construção de sociedades mais justas e felizes e que, para isso, contrariam interesses sociais, pessoais, ideológicos e culturais poderosos, defendidos por sistemas autoritários de poder nas relações sociais e interpessoais. Assim, a “novidade” do que apresentaremos está mais na forma com que vimos construindo uma prática de assembléias coerente com a realidade do sistema educacional brasileiro do que nos princípios que tal trabalho assume.

Para aqueles interessados em conhecer formas diferentes de se trabalhar as assembléias no âmbito escolar, vale a pena ler as obras de A.S. Neil sobre a Escola Summerhill, criada por esse educador na Inglaterra dos anos 20 e que segue funcionando até os dias atuais. Complementando, ver os livros de Celestin Freinet e a experiência das inúmeras escolas freinetianas no Brasil, ou os relatos sobre a Escola da Ponte, em Portugal. Apesar de não conhecer pessoalmente, tenho ouvido e lido relatos sobre o Colégio Lumiar e seu trabalho com assembléias, e acompanhei a implementação das assembléias na Escola da Vila, ambos no município de São Paulo. Cada uma dessas experiências tem seu próprio modelo de trabalhar o diálogo e a democracia no âmbito escolar e, mesmo que sendo diferentes entre si, em minha opinião, buscam o mesmo objetivo educativo: formar cidadãos e cidadãs críticos, autônomos, conscientes de seu papel político e social na construção de uma vida mais justa e feliz para cada um e para todos os membros da sociedade em que vivem.

Diferentes tipos de assembléias escolares

Compreendendo as necessidades cotidianas de democratização das relações escolares, e o papel das assembléias no trabalho educativo, senti necessidade de organizá-las em três níveis distintos: nas salas de aula; na escola; e para os profissionais que atuam no espaço da escola. Dessa forma, em cada instituição podem ocorrer três tipos diferentes de assembléias simultaneamente, cada uma com seus objetivos específicos.

O que chamo de assembléias escolares está composto por assembléias de classe; assembléias de escola; e assembléias docentes,

como veremos sinteticamente a seguir. Faço a ressalva, no entanto, de que algumas experiências de assembleias começam a ser empregadas em programas que visam levar famílias e comunidades a se aproximar da escola e de seu projeto educativo, mas não tenho dados que permitam sua sistematização neste espaço e, por isso, não as apresento.

Assembleias de classe

As assembleias de classe tratam de temáticas envolvendo o espaço específico de cada sala de aula. Dela participam um docente e todos os estudantes da turma. Seu objetivo é regular e regulamentar a convivência e as relações interpessoais no âmbito de cada classe, através de encontros semanais de uma hora, e serve como espaço de diálogo na resolução dos conflitos cotidianos.

Assembleias de escola

A responsabilidade da assembleia de escola é regular e regulamentar as relações interpessoais e a convivência no âmbito dos espaços coletivos. Contando com a participação de representantes de todos os segmentos da comunidade escolar, busca discutir assuntos relativos a horários (chegada, saída, recreio); espaço físico (limpeza, organização), alimentação e relações interpessoais. De seu temário devem constar aqueles assuntos que extrapolam o âmbito de cada classe específica.

Os representantes dos diversos segmentos (por exemplo, dois de cada classe, quatro docentes e quatro funcionários) são escolhidos, obedecendo a uma sistemática de rodízio, de forma que no transcorrer do tempo, todos os membros poderão experimentar a participação no processo de tomada de decisões coletiva. Sua periodicidade deve ser mensal, e será coordenada por algum membro da direção da escola.

Assembleias docentes

A responsabilidade da assembleia docente é regular e regulamentar temáticas relacionadas ao convívio entre docentes e entre esses e a direção, ao projeto político-pedagógico da instituição, a conteúdos que envolvam a vida funcional e administrativa da escola. Dela participam todo o corpo docente, a direção da escola e, quando possível, algum representante das secretarias de educação ou da mantenedora.

Quando instituídas na escola, essas três formas de assembleias se complementam em processos contínuos de retroalimentação que ajudam na construção de uma nova realidade educativa. Pode-se atingir a dupla finalidade de promover a participação das pessoas nos espaços de decisão e de democratizar a convivência coletiva e as relações interpessoais, fortalecendo a democracia participativa.

De outra maneira, a experiência de exercer distintos papéis nas assembleias, dependendo se é de classe, de escola ou docente, permite que os sujeitos possam compreendê-las em suas diferentes dimensões e funções. Um professor, que atua como coordenador de assembleia de classe um dia, no seguinte pode estar no papel de membro regular de uma assembleia docente, para depois estar no papel de representante de seus pares na assembleia de escola. Com isso, tem melhores condições de saber como se sente um aluno quando exerce a função de representante, ou como uma aluna deve se comportar quando tem que discutir um tema que afeta a coletividade numa assembleia de classe, ou ainda de entender as responsabilidades de quem está na coordenação de uma assembleia.

É esse movimento contínuo que caracteriza o que acabei de chamar de processo de retroalimentação e que permite enriquecer esse tipo de experiência no âmbito de cada instituição. O fato de podermos exercer papéis sociais distintos daqueles a que estamos acostumados ajuda no processo de descentração pessoal e cognitiva, tão importante para os processos de construção da ética nas relações interpessoais. Com isso, podemos afirmar que a implementação das assembleias escolares, nos três níveis propostos, tem dentre seus objetivos não só a formação de alunos e de alunas, mas também dos adultos que participam do espaço escolar.

Alguns resultados...

Os dados que trarei são resultado de duas pesquisas distintas, que tinham objetivos mais amplos, mas que contemplaram avaliar também o impacto das assembleias em duas escolas de cidades do interior de São Paulo, sendo uma pública e a outra privada. São pesquisas realizadas em diferentes momentos, mas que se complementam pelo objetivo comum.

A primeira delas desenvolveu-se entre os anos de 1999 e 2001 em uma escola da rede pública. A segunda pesquisa traz dados sobre as assembleias desenvolvidas entre 2001 e 2003 na Escola Comunitária de Campinas.

Em comum, a opinião positiva de docentes e estudantes sobre a relevância das assembléias para a construção de novas formas de relação e de resolução de conflitos na escola. Ao mesmo tempo, trarei também relatos negativos, tentando mostrar que esse tipo de trabalho é conflituoso e não está isento de críticas. Como entendo o conflito como algo natural e positivo, creio que mostrá-los contribui para que alcancemos os objetivos propostos neste artigo.

Darei, então, voz aos próprios sujeitos dessas mudanças. No caso dos relatos da escola pública suas autoras estão identificadas, pois foi retirado de relatório que entregaram como parte da pesquisa. No caso dos relatos das professoras da escola privada estão anônimos, pois foi nessa condição que responderam ao questionamento da pesquisa.

Vejamos alguns relatos que falam das dificuldades na implantação, da insegurança docente, mas confirmam a aposta no processo.

“No início do ano passado percebia que a assembléia era um momento onde os alunos queriam contar os casos pessoais, acusar o colega e detalhar minuciosamente o ocorrido. Não acontecia a reflexão. A participação era infantilizada, pensavam no caso isoladamente, em benefício próprio. Estava decepcionada com a participação dos alunos e alunas.... Aos poucos os alunos passaram a ter uma participação mais adequada. Ainda estamos em processo, pois as regras levantadas nem sempre são cumpridas, a pauta ainda é extensa. Porém, a postura dos alunos(as), a seriedade e a maneira como perceberam que a assembléia não é um encontro para casos pessoais, mudou muito”.

“Para mim, o trabalho inicial com assembléia na primeira série é sempre difícil e, a todo o momento, sinto a necessidade de reafirmar, para mim mesma, as razões e os princípios deste trabalho, para mantê-lo acontecendo freqüentemente. Nesse movimento que faço comigo mesma, tem sido importante estabelecer pequenas metas para evitar frustrações que poriam em risco o próprio trabalho. Por exemplo: a) aprender a usar a pauta; b) aprender a se identificar com a dificuldade discutida; c) aprender a buscar caminhos; d) posteriormente evoluir nessas buscas”.

Vejamos agora alguns relatos que avaliam os avanços observados nas relações entre seus alunos e alunas e o processo como um todo. No caso da Professora Kátia Cilene Souza, de primeira série, o principal avanço refere-se ao diálogo.

"No tocante ao diálogo este foi se aprimorando a cada assembléia realizada, às vezes acontecia de um falar junto com o outro,

mas aos poucos foram aprendendo a ouvir os colegas... Percebi que eles começam a entender o sentido do diálogo. Não foi fácil mudar esse tipo de atitude, mas agora já resolvem a maioria dos problemas sem falar em punições. Também falavam muito em levar para a diretoria ou chamar os pais. Hoje essa atitude mudou bastante. Raramente falam em levar para a diretoria ou de chamar os pais. Isso deve-se ao fato de questioná-los sobre de quem era o problema: era da diretora? Era dos pais que estavam no trabalho? Eles refletiam e decidiam de outra forma".

Na mesma linha de raciocínio, outros relatos:

“O espaço democrático da assembléia tem sido muito importante e valorizado pelos alunos(as) desta classe. No início do ano, muitas situações de conflito entre os alunos ocorriam de forma velada, sob ameaça..., inclusive alguns ameaçavam outros se alguma situação que eles estivessem envolvidos, fosse colocada em pauta de assembléia, Após várias discussões em assembléia, alguns foram revelando tais situações e pudemos conversar sobre elas e estabelecer combinados... O foco de nossas assembléias durante todo o ano foi: expressar o que incomoda, ouvir diferentes posicionamentos, discutir um tema coletivamente, definir regras de convivência, reforçar e repensar valores, bem como destacar as atitudes adequadas do grupo e de cada um, valorizar os avanços do grupo em direção a posturas cada vez mais éticas, sem desprezar a diferença que há no modo de ser, pensar e se expressar de cada ser humano”.

No relatório da professora Adriana Comin Franguelli:

"Os alunos adoram as assembléias, a cada assembléia realizada eles me surpreendem com as atitudes, recordo bem de um fato: - as meninas começaram a reclamar dos meninos passarem a mão no bumbum delas, na verdade era apenas um menino e como nas assembléias tratamos do assunto e não de quem cometeu o ato, o autor do ato quis falar como se nada tivesse haver com ele. Em uma assembléia posterior, o assunto estava em pauta novamente, pois esse aluno continuava passando a mão nas meninas, porém, dessa vez, o seu comportamento em relação ao fato foi bem diferente, não abriu a boca durante toda a discussão, após essa assembléia não tivemos mais esse problema...".

"No início do ano a turma não conseguia conversar, os alunos gritavam demais na sala, se agrediam fisicamente, enfim não havia respeito entre eles, hoje por mais que ainda existam conflitos as crianças conseguem se entender, as agressões físicas raramente acontecem, todos

colaboram entre si, se tornaram mais autônomos, muita coisa boa passou acontecer após a realização das assembléias....".

Vejamos alguns relatos positivos e negativos de crianças que participaram de assembléias, nas duas escolas:

"Antes, quando não tinha as assembléias na classe, tinha muita violência, eles xingavam, batiam e até ameaçavam se a gente não entregasse o nosso lanche no recreio".

"Na 3ª série F, antes das assembléias, quando as crianças tinham um probleminha como brigas, empurra-empurra, jogar água nos outros e etc... iam correndo contar para a professora ou para a mãe e a mãe ia conversar com o aluno ou com a professora que não tinha nada com isso".

"Agora nossa classe está melhorando muito, tem poucas brigas e mais respeito".

"Agora, quando as crianças têm algum problema, escrevem nos cartazes e no dia da assembléia, todos podem falar e dar soluções para os problemas, até conseguem resolver alguns e não fica bom só para um, fica bom pra todos".

"Acho que as assembléias melhoraram muito os problemas que temos, porque quando colocamos no papel, todo mundo leva a sério e procuramos resolver o problema".

"Achei as assembléias deste ano bem legais. Mesmo quando eu tinha vergonha de falar, porque achava que todos iam rir de mim. Agora estou conseguindo me soltar mais".

"Com as assembléias consegui perceber em que preciso melhorar, me "toquei" de muitas coisas que faço e incomodam as pessoas".

"Com a assembléia, temos um compromisso maior com o grupo. É muito bom falar o que sentimos, coisas legais ou não".

"Eu achei que no começo do ano as pessoas colocavam como crítica aquelas coisas bobas como: "Ai, uma menina me chamou de chata", "um menino esbarrou na minha carteira e derrubou meu estojo e não pegou". E como felicitação, colocavam: "Ontem eu fiz uma amiga nova", "eu joguei queimada legal". Mas agora, no meio do ano, todo mundo está colocando críticas mais sérias, que tem a ver com a classe toda. Todo mundo dá a sua opinião e resolvemos muitos problemas. Nem todas as escolas têm essa chance de discutir nossos problemas".

“A discussão da assembléia eu me sinto estressado porque eu sempre quero resolver as críticas e fazer as regras”.

“Na discussão da assembléia eu me sinto cansado porque demora muito”.

“Eu achei que esse ano os itens da pauta se repetiram muitas vezes porque não eram resolvidos rapidamente, mas a maioria era resolvida”.

Acredito que os relatos acima ilustram bem o tipo de transformações que foram acontecendo nas relações entre os membros dessas duas escolas a partir da implementação das assembléias de classe. O diálogo, a autonomia e o respeito mútuo passaram a predominar nessas classes, refletindo de maneira positiva na sua democratização e na construção de valores dessas pessoas. Alunos e alunas passaram a buscar formas mais dialógicas para a resolução dos conflitos cotidianos. Assim, embora o tema da violência perpassasse o discurso das crianças, ficou evidente como foram percebendo a assembléia como uma forma de resolução de seus conflitos, alternativa às saídas violentas e agressivas.

Apresentarei, também, relatos docentes sobre as assembléias docentes e de escola, coletados no final de 2000 na escola pública em que trabalhamos. Tais questionários foram respondidos anonimamente, pois queríamos que as professoras tivessem maior liberdade de expressar suas idéias e sentimentos. Vejamos alguns dos depoimentos encontrados sobre as relações entre professores, direção e funcionários a partir das assembléias docentes:

“Muito bom, houve uma integração de amizade, solidariedade e principalmente respeito, mesmo nos momentos em que algumas opiniões eram contrárias”.

“Nessas relações houve mais união, pois, existe muita troca de idéias e ajuda. A direção está mais perto dos professores, ajudando e colaborando para realização de tudo o que se faz na escola”.

“A equipe ficou mais forte, percebemos que a ‘união faz a força’, quando precisamos lutar para alcançar algo nos unimos e brigamos pelo que é realmente democrático”.

“Ocorreu uma aproximação entre professores, um atrativo para troca de experiências, poucos professores se fecharam, esconderam seus trabalhos, existindo muito respeito na relação”.

“O projeto aproximou mais as pessoas dessa escola. Hoje somos um grande grupo, com liberdade de realizar, participar, questionar e nos ajudar”.

“Hoje me sinto mais à vontade para me relacionar com professores, direção e funcionários. Antes eu quase sempre ficava calada, agora não consigo mais, quando sinto vontade falo seja o que for. Sinto também prazer em ajudar as outras professoras, quando ao procurar material para o meu projeto e encontro para o projeto delas. E elas também estão sempre à disposição para me ajudar”.

Gostaria, também, de destacar alguns encaminhamentos decorrentes das assembléias de escola dessa comunidade:

1) Mudança no horário de funcionamento da escola: os alunos reivindicaram aumento no tempo do recreio, pois os 20 minutos não eram suficientes para entrar na fila da merenda, comer, ir ao banheiro e ainda brincar um pouco. Isso os levava a voltar para a sala de aula e depois começarem a sair para ir ao banheiro (queixa de professores e funcionários da limpeza). A solução acordada entre todos foi ampliar o tempo de recreio em 10 minutos e antecipar em 5 minutos a entrada e em 5 minutos a saída da escola.

2) Reforma dos banheiros e cobertura da quadra: na primeira assembléia, esses assuntos foram trazidos por quase todas as classes. A reclamação era geral de que os banheiros cheiravam mal e de que a falta de cobertura da quadra prejudicava as aulas de educação física e as brincadeiras por causa do sol quente. Nesse dia, tirou-se a decisão de que fariam um documento e levariam ao prefeito da cidade. Coordenado pelos professores e direção, foi feito o documento e agendou-se uma reunião com o prefeito que recebeu todos os representantes de classe na prefeitura. O resultado concreto foi de que em julho os banheiros foram reformados e em agosto abriu-se licitação para a cobertura da quadra que foi executada antes do final do ano letivo.

3) Alimentação: Apareciam muitas reclamações sobre a qualidade da merenda escolar, fornecida pela prefeitura. Organizou-se uma visita dos representantes à cozinha-piloto do município e algumas alterações no cardápio foram feitas a partir das reivindicações.

Por fim, gostaria de apresentar os resultados encontrados em uma pesquisa junto aos estudantes da Escola Comunitária de Campinas, comparando as representações que aquelas crianças tinham sobre resolução de conflitos escolares cotidianos com as representações de crianças de outras duas escolas: a) uma escola privada, católica,

localizada no município de São Paulo; b) Uma escola pública, localizada na cidade de Três Corações, em Minas Gerais.

A pesquisa foi feita com 268 crianças, de 7 a 10 anos de idade. O instrumento consistia de uma “tirinha” contendo um desenho de duas crianças brigando. Perguntava-se tanto como representavam as causas para aquela situação, como as soluções para se resolvê-la. Nesse caso, queríamos perceber até que ponto o trabalho com as assembléias se refletia na forma como as crianças pensavam ser a melhor maneira de resolver conflitos cotidianos nas escolas, como é o caso das brigas que envolvem agressão física. Tínhamos a expectativa de que as crianças da Escola Comunitária de Campinas apresentassem maior tendência a buscar saídas dialógicas para os conflitos, em vez de soluções violentas ou “mágicas”.

No tocante à categorização dos dados, decidimos não avaliar as causas e centrar nossa atenção na solução que apresentavam ao conflito, por ser nosso objetivo principal. Optamos por duas categorias de análise: a) Respostas dialógicas, em que o sujeito apontava uma solução de diálogo e conversa para resolver o problema da briga, refletindo a experiência das assembléias; b) Respostas não-dialógicas, quando apontavam soluções envolvendo mais violência ou em que o melhor caminho era chamar um adulto para separar e dar lição de moral para as crianças que estavam brigando.

A tirinha apresentada era a seguinte:



Os resultados encontrados foram os seguintes:

Tabela 1 - Resolução de Conflitos e Assembléias Escolares

ESCOLA	SEXO	SOLUÇÃO				TOTAL
		DIALÓGO		NÃO-DIALÓGO		
		NUM	PORC	NUM	PORC	
Comunitária	MASC	10		35		45
(Campinas)	FEM	24		21		45
	TOTAL	34	38%	56	62%	90
Privada	MASC	10		28		38
(SP)	FEM	11		39		50
	TOTAL	21	24%	67	76%	88
Pública	MASC	07		37		44
(Três corações)	FEM	09		37		46
	TOTAL	16	18%	74	82%	90
TOTAIS		71	26%	197	74%	268

Nota-se que as crianças da Escola Comunitária de Campinas, apresentaram maior tendência em apontar soluções dialógicas para um conflito envolvendo violência física no interior da escola. Chama nossa atenção que uma minoria absoluta das crianças da escola pública participante do estudo (18%) apresenta caminhos de diálogo na hora de resolver conflitos interpessoais.

Embora os dados coletados não permitam interpretações conclusivas, podemos entender que o trabalho com as assembléias, ao promover o desenvolvimento das capacidades dialógicas e os valores de não-violência, respeito, justiça, democracia e solidariedade, auxiliam na transformação das relações interpessoais no âmbito escolar e na formação ética e psíquica dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- PUIG, Josep. *Democracia e participação escolar*. São Paulo: Moderna, 2000.
- SASTRE, G. & MORENO, M. *Resolução de conflitos e aprendizagem emocional: gênero e transversalidade*. São Paulo: Moderna, 2002.
- SCHINITMAN, D. (Org). *Novos paradigmas na resolução de conflitos*. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.

ARAÚJO, Ulisses F. Respeito e Autoridade na escola. In: AQUINO, J. (org). *Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1999.

_____. *A construção de escolas democráticas: histórias sobre complexidade, mudanças e resistências*. São Paulo: Moderna, 2002

_____. *Assembléia escolar: um caminho para a resolução de conflitos*. São Paulo, Moderna, 2004.

ARANTES, V. A. (org). *Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 2003

BOBBIO, N. *Teorias das formas de governo*. Brasília: UNB, 1986.

CARRACEDO, J. R. *Educación moral, postmodernidad y democracia*. Madrid: Editorial Trotta, 1996.

JOHNSON, D.W. & JOHNSON, R.T. *Cómo reducir la violencia en las escuelas*. Barcelona: Paidós, 2001.

ORTEGA, R. & DEL REY, R. *La violencia escolar: estrategias de prevención*. Barcelona: Graó, 2003

MACHADO, N. *Cidadania e Educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

MORENO, M. et al. *Falemos de sentimentos: a afetividade como um tema transversal*. São Paulo: Moderna, 1999.

_____. *Práticas morais e culturais*. São Paulo, Moderna, 2004.

ROSENFELD, D. *O que é democracia*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

VINYAMATA, E. (org). *Aprender del conflicto: conflictologia y educación*. Barcelona: Graó, 2003.

Ulisses F. Araújo, Professor Livre-docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidade da Universidade de São Paulo (USP Leste).

E-mail: uliarau@usp.br.

Submetido em: junho de 2006 | Aceito em: dezembro de 2007